

## Esquerdas

A leitura do caderno *Idéias* de 15.10.89 colocou o meu aparelho pensador numa trilha que parece bastante promissora. É que na seção *O que eles estão pensando* foi feita a pergunta "Você ainda divide os políticos em esquerda e direita?". Ao mesmo tempo, era publicado o artigo de Luiz Werneck Viana, *A esquerda a caminho de Damasco*. Interessante...

Interessante a colocação do JB: não pedia opinião sobre a existência de *políticas*, mas de *políticos* de direita ou esquerda; interessantíssimo o balanço que resulta das respostas... Em primeiro lugar porque é notável que ninguém haja respondido à pergunta: todos analisaram a questão em termos de *forças* e não de *homens*; depois, porque ninguém admitiu pura e simplesmente a existência dessas forças, a não ser a professora de literatura e, assim mesmo qualificadamente "em última análise"; seu colega, o crítico literário, pelo contrário, é taxativo em qualificar esquerda e direita como "categorias preguiçosas" (boa razão para recusá-las), mas incoerentemente ressalva que, como as bruxas, não existem "pero que las hay, hay"; a antropóloga não esconde as dúvidas, mas, ao levar a questão para tópicos individuais (como também faz, o filósofo) sente-se obrigada a reconhecer que existem contradições insolúveis — como, por exemplo, a de a esquerda adotar práticas de direita; finalmente, o cientista político também insiste em manter as velhas categorias, embora procure compatibilizá-las à realidade observada dividindo cada uma delas em setores "moderno" e tradicional" o que acaba criando, de fato e sem que ele perceba, categorias totalmente novas.

O que se passa? Todos os entrevistados comportam-se como naufragos avarentos agarrados a um terouro: vão ao fundo mas não o soltam! Impõe-se então a pergunta: por quê? Se essas categorias são inadequadas para que aferir-se a elas? Preguiça, como pressentiu alguém? Ou temor de algum tipo de "patrulhamento" ideológico? Não recusando a possibilidade de haver um pouco de casa um destes ingredientes, penso que a partir do artigo de Werneck Vianna se pode compreender melhor como funciona esta coisa. É que o autor não apenas assume, desde o título, que essas abstrações existem mesmo, como até vai mais além e, rasgando a fantasia, especifica que aqueles que reconhece como representantes da direita são nada menos que *vilões* "metamorfosados em bandidos simpáticos", mas, nem por isso, menos bandidos.

Fazendo profissão de fé dessas coisas, o artigo é consistentemente escrito sob uma ótica de esquerda e não procura ocultá-lo em momento algum (se uma abordagem "acadêmica" deve ou não ser partidária é uma discussão importante, mas tem que ficar para outra vez. Por ora basta a constatação de que há um viés que se assume esquerdista no texto e, mais, a nostalgia de uma esquerda não revolucionária, mas dotada de projeto político ("A reforma burguesa deve encontrar pela frente um partido de esquerda de novo tipo — democrático e de massas —, que se apresente como portador de uma alternativa generosa e afirmativa da sociedade").

Ah esta esquerda política de sempre! Como certos filósofos antigos não precisam olhar pelos telescópios para saber como se organiza o universo... Ela se reconhece de esquerda e progressista por autoqualificar-se generosa, por declarar um sonho para a sociedade (tenha ou não um projeto claro de como alcançá-lo) e por afirmar que "tem que mudar", embora não diga como (já que é declaradamente não revolucionária). Apesar disto, exatamente como os revolucionários, considera "os outros", quaisquer ou-

tros, obrigatoriamente de direita, isto é, tremendos reacionários, ou seja, bandidos (simpáticos ou não) defensores do "status quo"...

Então fica mais claro porque "o pessoal" prefere afundar, mas não larga o seu "tesouro" de categorias preguiçosas e cansadas, mas que resistem sistematicamente à sua própria inadequação: é que quase toda gente prefere ser "de esquerda", já que esta mesma "toda gente" a identifica como a parte romântica e generosa do espectro político; resulta que, de um modo ou de outro, quase toda gente gostaria de manter a ilusão de que a dicotomia esquerda x direita é significativa, até porque, quem não concorda com isto corre o risco de ter descobertas suas perigosas tendências reacionárias (de bandido). Como voltando sempre às mesmas categorias se é obrigado a ter sempre os mesmos pensamentos, o círculo vai se repetindo pela eternidade. — Hélio Novak, Rio de Janeiro

## Mário Covas

O *Recado* de Wilson Coutinho, publicado em *Idéias/Ensaio* de 22/10, referente ao que ele diagnosticou como melancolia de Mário Covas no famigerado debate da Bandeirantes, me angustia.

As expressões *ruína, melancolia, culpa, alma enevoada, deprimido* se contrapõem a *calor, eufóricos, animados, alegre, grêmio*, e o autor resvala para a fácil alusão ao nome Covas, relacionando-o a fúnebre. Eu aproveitaria a tentação do trocadilho bilingüe e usaria *grave*, como o momento

em que vivemos, como a crise em que nos encontramos.

Mário Covas, assim como eu, estava perplexo. No momento em que temos a oportunidade de assistir a um debate entre homens que disputam o nosso voto numa eleição presidencial, o produto que nos apresentaram foi da pior qualidade. Podemos constatar a tempo. Mário Covas emudeceu, ao som da gritaria de alguns, que, dispostos a ocupar o espaço democraticamente destinado a todos, e graças a uma mediação inexplicavelmente frouxa, o fizeram, na marra.

A figura grave de Mário Covas, enevoada, plúmbea, gótica, não expressou, como quis o autor, frieza, distância ou melancolia. Via-se nele estampada a tragédia do povo brasileiro, frustrações acumuladas, fracassos de tantos planos, esperanças perdidas,

aprisionados naquele Covas petrificado, dramático, Wagneriano, assistindo àquele bate-boca de beira de cais, em que o que foi chamado de alegria e animação eu traduzo por deboche, descompostura, descontrole, desrespeito.

Diante daquele quadro patético, em que doutores "arriaram" seus diplomas no chão, e de mão nas cadeiras e dedos em riste agrediram-se aos berros, Lula, o candidato-operário, deu aula de compostura e de boa-educação. Freire, o candidato-comunista, manteve-se digno e oportuno, e, do alto de seu 1% de intenções de voto, tentou salvar o espetáculo.

A paixão é importante, mas também é cega e passageira. A empolgação necessária e desejável nas campanhas e na política é aquela, fruto da escolha segura, em que se acredita de fato nas idéias, mais do que nas pessoas. Diz o artigo: "Covas dá a impressão de que está vendo o circo e se deprime terrivelmente por isso". Se o destino do Brasil será decidido num picadeiro, hoje tem marmelada e não tem graça nenhuma.

Releio o *Recado*, dez dias depois do programa, e penso em como são frágeis as emoções geradas por aquele fato. Pouco mais que uma semana, e ele já está antigo, ultrapassado, torna-se anacrônico comentá-lo. A paixão, como a moda, já passou. Ana Luiza Penna Buarque de Almeida, Rio.

## Seriado



Larry Crabbe como Gordon

Tendo em vista o lançamento, no cinema, de um novo filme de *Batman*, vieram à tona lembranças acerca desse personagem. O que ocorre, contudo, é que as diversas reportagens a esse respeito colocam um seriado feito nos anos 60, como os primeiros filmes do personagem. Tal fato é errôneo e parece que muitos não têm memória: os primeiros filmes de *Batman* se desenvolveram entre os anos 40 e 50, sendo integrantes de um seriado em preto e branco para o cinema e posteriormente passado na TV brasileira. Ao contrário do seriado de *Batman* a cores, onde predominou o lado cômico-infantil, o seriado original em preto e branco tratou de temas policiais sérios, como ocorre nos filmes policiais normais — evidentemente sem o excesso de violência e outros excessos que ocorrem nos filmes modernos. É preciso fazer justiça a esse fato.

Heitor Vianna Posada Filho, Niterói.